

Idéias de América em Esteban Echeverría e Francisco Bilbao

Eduardo Scheidt*

Resumo:

O trabalho consiste numa análise comparativa da produção bibliográfica de dois destacados intelectuais latino-americanos do século XIX: o argentino Esteban Echeverría e o chileno Francisco Bilbao. Ambos os autores participaram ativamente dos acirrados debates ideológicos em meio ao conturbado processo de construção dos Estados nacionais no subcontinente. Centramos nossa análise nas idéias de América, elaboradas por Echeverría e Bilbao ao longo de suas trajetórias intelectuais, utilizando como fontes livros, ensaios e manifestos redigidos por ambos.

Palavras-chave: América Latina; intelectuais; Estados nacionais

Abstract:

This work consists of a comparative analysis of the bibliographical production of two Latin-American intellectuals of the century XIX: the Argentinean Esteban Echeverría and the Chilean Francisco Bilbao. Both authors participated actively of the intense ideological discussions during the troubled process of construction of the national States in the subcontinent. We center our analysis in the ideas of America, developed by Echeverría and Bilbao along his intellectual trajectories. We have utilized books, texts and manifests written by both as sources.

Key words: Latin-America; intellectuals; national States

Idéias sobre a América foram bastante recorrentes ao longo do século XIX. Durante o processo de independência dos países latino-americanos, estas idéias tinham sentidos essencialmente políticos. Desta forma, a idéia de América era articulada a outras, como de república, nação, revolução, liberdade e independência. Ser americano era entendido menos como nascido neste continente que um defensor da independência e do republicanismo contra a monarquia identificada com o colonialismo europeu.

A nova historiografia política tem demonstrado a complexidade da sociedade da época, apontando para uma gama de projetos políticos e idéias sobre a América. Assim, pretendemos reconstituir projetos de dois importantes intelectuais latino-americanos do século XIX: o argentino Esteban Echeverría e o chileno Francisco Bilbao, que atuaram, durante parte de suas vidas, na Argentina durante o processo de construção dos Estados nacionais.

Echeverría nasceu em Buenos Aires no ano de 1805. Viveu em Paris entre 1826 e 1830, tomando contato com o movimento romântico europeu. De volta à Argentina, dedicou-se inicialmente à produção literária, cujas obras mais destacadas foram o poema *La Cautiva* e

* Programa de Mestrado em História da Universidade Severino Sombra. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo.

o romance *El Matadero*. Em 1837, participou, junto com outros intelectuais, tais como Juan Bautista Alberdi, Juan María Gutierrez e Bartolomé Mitre, das reuniões políticas e literárias na Livraria de Marcos Sastre, que deram origem ao grupo que ficaria conhecido como “Geração de 1837”. No ano seguinte, após o fechamento da livraria pela repressão do regime rosista, Echeverría fundou a “Jovem Argentina”, sociedade secreta inspirada na “Jovem Itália” e “Jovem Europa” de Giuseppe Mazzini. Ao mesmo tempo, o argentino elaborou seus primeiros textos de cunho político, redigindo a maior parte do *Código o Declaración de los Principios que Constituyen la Creencia Social de la República Argentina*. Perseguido por Rosas, exilou-se no Uruguai a partir de 1840, de onde o grupo de jovens intelectuais lançou uma forte oposição ao regime do governador bonaerense. Na imprensa de Montevideú, Echeverría contribuiu para os periódicos *El Iniciador* e *El Nacional*. Em 1846, reorganizou seus correligionários, fundando a “Associação de Maio” que, diferente da anterior “Jovem Argentina”, teve um caráter menos de sociedade secreta do que de partido político moderno. No mesmo ano, o autor republicou o *Código* com o título de *Dogma Socialista*, precedido por um texto de sua autoria intitulado *Ojeada retrospectiva sobre el movimiento intelectual en el Plata desde el año 37*. Dois anos depois, ao escrever *Revolución de febrero en Francia*, foi um dos primeiros latino-americanos a analisar o movimento europeu de 1848. Faleceu em janeiro de 1851, em decorrência de uma tuberculose.

O chileno Francisco Bilbao nasceu em Santiago a 09 de janeiro de 1823. Em 1842, integrou-se ao movimento intelectual “Sociedade da Literatura”, surgido no mesmo ano de fundação da Universidade do Chile, sob a liderança de Andrés Bello, Victorino Lastarria e Eusebio Lillo. Em 1844, Bilbao publicou seu primeiro livro, *La Sociabilidad Chilena*, cujo conteúdo radical suscitou profunda comoção entre os conservadores chilenos, ao ponto de a obra ser queimada em praça pública. As repercussões de seu livro custaram-lhe um exílio no exterior, entre 1844 e 1850, durante o qual participou ativamente dos movimentos revolucionários de 1848 na França, ao lado de Edgar Quinet e Jules Michelet. No retorno ao seu país, Bilbao fundou, juntamente com seu compatriota Santiago Arcos, a “Sociedade da Igualdade”, com o intuito de congrega os intelectuais e setores populares, excluídos da participação política. Bilbao redigiu os princípios políticos da associação e contribuiu com artigos para seu periódico, denominado *El Amigo del Pueblo*. O rápido crescimento dos igualitários assustou o governo, levando à decretação de estado de sítio e ao fechamento da organização. Na clandestinidade, Bilbao e seus companheiros protagonizaram uma tentativa de insurreição em 1851, logo sufocada pelo governo, obrigando o autor a um novo período de exílio, desta vez no Peru. Devido a seu envolvimento em movimentos revolucionários no país

visinho, foi obrigado a fugir novamente para Europa, instalando-se em Paris no ano de 1855. Durante o novo exílio europeu, procurou organizar politicamente os refugiados da América Latina. No ano seguinte, publicou *La Iniciativa de América*, propondo a união dos latino-americanos. De volta ao continente, fixou residência em Buenos Aires no ano de 1857, onde fundou a *Revista del Nuevo Mundo*. Embora vivendo na capital portenha, o autor deu apoio a Urquiza e à Confederação, colocando-se contra o Estado independente de Buenos Aires. Também nesta cidade, publicou duas de suas obras mais importantes: *La América en Peligro* e *El Evangelio Americano*, em 1862 e 1864 respectivamente. Faleceu a 19 de fevereiro de 1865, vítima do agravamento de infecções pulmonares.

Centramos nossa análise nas representações de América em algumas das principais obras dos dois intelectuais, que circularam na Argentina durante o século retrasado. De Echeverría, analisamos o *Código o Declaración de los Principios que Constituyen la Creencia Social de la República Argentina*, indiscutivelmente sua maior obra¹, considerada uma “declaração de princípios” da Geração de 1837. Para o estudo das representações de Bilbao, analisamos dois textos: *El Congreso Normal Americano*, redigido em 1856 durante seu exílio na Europa e *La América em peligro*, publicado em Buenos Aires no ano de 1862.

No texto de Echeverría, percebemos que suas representações sobre a América seguem, em grande parte, as concepções predominantes entre os artífices das independências latino-americanas. Neste sentido, o vocábulo “América” é, ao longo de todo texto, relacionado com revolução, democracia, república, liberdade, independência, igualdade de classes. Em contrapartida, é entendido como oposto a europeu, colonialismo, monarquia, despotismo, tirania, sociedade desigual e aristocrática. O processo de independência é caracterizado como “revolução americana”, que iria além da emancipação política, implementando o republicanismo com direitos políticos iguais a todos cidadãos. Era na América que se estava construindo uma “nova sociedade”, mais livre, igual e fraterna. Pelo menos era esta a expectativa dos setores da sociedade que estiveram envolvidos com o processo de independência.

Entretanto, Echeverría escreveu em 1837, quando já se havia passado duas décadas desde o início das emancipações políticas. Neste sentido, o que há de diferente na obra do autor é uma visão crítica do continente americano. Sem abandonar as expectativas anteriores, começa-se a forjar uma outra caracterização da América, em que os ideais almejados pelos

¹ Embora em co-autoria com Juan Batista Alberdi, na verdade Echeverría escreveu quase a totalidade da obra. De suas 13 seções, apenas a última é de autoria do primeiro. Ver, Esteban ECHEVERRÍA (1951: 266).

“país da pátria” não se concretizaram. Os seguintes trechos do *Codico* expressam com contundência o que estamos analisando:

El triunfo de la revolución es para nosotros el de la idea nueva y progresiva; es el triunfo de la causa santa de la libertad, del hombre y de los pueblos. Pero ese triunfo no ha sido completo porque las dos ideas se hostilizan sordamente todavía y porque espíritu nuevo no ha aniquilado completamente el espíritu de las tinieblas. La generación americana lleva inoculadas en su sangre los hábitos y tendencias de otra generación. [...]. Su cuerpo se halla emancipado, pero su inteligencia no. [...]. La América revolucionaria envuelta todavía en los pañales de la que fué su madre. Dos legados fuertes de la España traban principalmente el movimiento progresivo de la revolución americana. Sus costumbres y su legislación. (ECHEVERRÍA, 1839: 76).

Na explicação de nosso autor, a obra da independência não estava completa porque hábitos e costumes da época colonial persistiam nas sociedades latino-americanas. O legado da Espanha, identificado como o regime monárquico, das desigualdades sociais e da tirania, pois, ainda faziam-se presente entre a população local, impregnados em seus hábitos e costumes.

O “alvo” preferencial de Echeverría era o regime de Rosas que se consolidava na época em que o texto foi redigido. O autor e seus companheiros da Geração de 37 identificavam Rosas como o “restaurador do Antigo Regime”, ou seja, como a volta das práticas políticas da era colonial. Segundo os “jovens de 37”, seria preciso uma nova revolução na América. Conforme as concepções do grupo, os protagonistas de maio de 1810 tinham fundado a “pátria” com a revolução de independência, mas “hábitos e costumes da era colonial” persistiam, o que explicava o fato de o país ainda não ser “livre”. A liberdade só se consumaria com a conquista, entre outros elementos, de “inteligência”, leis, literatura e costumes próprios. Caberia à juventude da “Nova Geração” a tarefa de completar a construção da nação através da inteligência, da razão e da civilização. Para plena construção da nação, portanto, era preciso a conquista de novos hábitos e costumes, ditos civilizados, o que, segundo os “jovens de 37”, ainda estava longe de se realizar no continente americano.

Analisando as duas obras de Francisco Bilbao, percebemos que o autor também relaciona o termo “América” com república. Há uma continuidade, pois, da identificação do continente com o republicanismo, distinguindo-se da Europa, onde ainda eram majoritário os regimes monárquicos e despóticos e as revoluções eram derrotadas. Desta forma, a América era, para nosso autor, uma exceção no mundo de então, um bastião da república e dos regimes democráticos.

Nos textos de Bilbao, entretanto, há notórias diferenças em relação à Echeverría no que tange as representações de América. O chileno vai além de uma caracterização política, fazendo uso de elementos culturais para construção da identidade americana. Logo no início de seu texto *El Congreso Normal Americano*, Bilbao descreve a América como um continente vasto habitado por duas “raças”, que cultuam duas religiões, falam dois idiomas, mas que desenvolveram uma única forma política. Além da república, o continente é caracterizado pela presença de hispânicos e anglo-saxões, dos idiomas inglês e espanhol, bem como das religiões católica e protestante. Bilbao, pois, já faz uma clara distinção entre duas Américas: do Norte e do Sul.

Ao longo do texto, Bilbao faz uma caracterização elogiosa e crítica dos EUA. Admira o movimento de independência, sua revolução (que antecedeu à francesa) e implementação do republicanismo. Mas o autor afirma que os norte-americanos “degeneraram” para o egoísmo individualista, levando-os a pretensões de dominar outros povos. Bilbao se refere à Guerra contra o México, protagonizada alguns anos antes, após a qual, os EUA arrebatarem cerca de um terço do território mexicano. Em suas argumentações, Bilbao procura caracterizar a América do Norte com elementos negativos e a do Sul, com positivos. Embora os EUA fossem ricos e desenvolvidos, mantiveram a escravidão e exterminaram os indígenas, enquanto na América do Sul a escravidão foi abolida e haveria um respeito e incorporação das populações indígenas às sociedades. O autor procura passar a idéia de que na verdade, em muitos aspectos, são os sul-americanos os superiores em relação aos habitantes do norte. As populações do sul são retratadas como preferindo o social ao individual, a justiça ao poder político, ao dever com a sociedade aos interesses egoístas².

Já no texto *La América em peligro*, publicado em 1862, quando Bilbao já estava estabelecido na Argentina, percebemos alguma alterações nas idéias do autor no que tange ao nosso subcontinente. O livro foi escrito com o intuito de denunciar a invasão francesa do México. Na perspectiva de Bilbao, a independência americana e o próprio regime republicano estariam em perigo de sucumbir frente à invasão do europeu colonialista, tirano e monárquico. A imagem da América como o continente da liberdade política é mantida, sendo que qualquer retrocesso acarretaria o desaparecimento do regime republicano no mundo. Entretanto, algumas alterações na análise da América e dos latino-americanos são notórias.

² Claro que o autor constrói seu texto imbuído de discursos ideológicos. Sua caracterização da América do Sul é claramente idealizada não representando em sua íntegra a realidade histórica do subcontinente. Entretanto devemos situar o texto em seu contexto. Foi escrito durante o exílio de Bilbao na Europa, quando o personagem envolveu-se num movimento de unidade dos latino-americanos que estavam no exterior. Suas caracterizações da América, nesta perspectiva, tinham o propósito de promover a união entre os países da América Latina, que, como já mencionamos, é um dos objetivos centrais de sua obra.

Em primeiro lugar, Bilbao abandona a visão idealizada, adentrando-se em uma análise mais realista e crítica da América Latina. Neste sentido, os latino-americanos também são responsáveis pelo “perigo francês”, já que a invasão teria sido possível devido a erros do “inimigo interno” que teriam deixado o continente vulnerável.

O autor identifica três principais questões ou “erros”, apresentados como causa da vulnerabilidade latino-americana: a debilidade física, a incapacidade intelectual e o problema moral. Sobre a primeira questão, o autor aponta a escassez populacional, as longas distâncias que produzem isolamento das populações, proporcionando a persistência da “barbárie” e do “espírito local”. Nosso autor faz uso inclusive de vocabulário pejorativo na descrição desta problemática, demonstrando influências de idéias que circulavam entre os liberais latino-americanos da época, para os quais a América era “bárbara”, despovoada e “atrasada”.

O segundo “erro”, da “incapacidade intelectual” seria na insistência em buscar conciliação entre catolicismo e republicanismo, o que, para o autor, conforme citação abaixo, seria incompatível:

*La lógica deducción política del catolicismo es la teocracia: el Papado.
La lógica inducción dogmática del principio republicano es el RACIONALISMO.
Racionalismo y catolicismo se excluyen. El catolicismo anatematiza al racionalismo
y este aniquila al catolicismo.
Es la contradicción. Un mundo en la contradicción se destruye, se enerva si no
suprime uno de los contrários. La salvación está a ese precio. (BILBAO, 1988:
204-205).*

Para justificar seus argumentos, Bilbao recorre aos regimes autoritários e ditatoriais que demarcaram a maioria dos países nas décadas após as independências. Neste sentido, o regime de Rosas é especialmente apontado como prova cabal do “erro” em tentar unir ideal republicano com catolicismo. Este intuito só teria levado à ditadura, ao engano das massas, ao fanatismo e à obediência cega aos chefes políticos. A insistência em tentar conciliar os inconciliáveis, poderia levar ao fim do regime republicano como teria acontecido no Paraguai de Francia e Solano López.

Os resultados foram o estabelecimento de regimes ditatoriais que mantêm a maioria da população na ignorância, na barbárie e na fé cega frente aos “caudilhos”. O diagnóstico desenvolvido por Bilbao neste texto é muito semelhante ao dos liberais da época, entretanto o autor apresenta causas distintas. Enquanto a maioria dos políticos latino-americanos, influenciados pelas idéias científicas europeias, viam na suposta “inferioridade racial” e no determinismo geográfico as causas das mazelas americanas, Bilbao inovou ao culpar as próprias elites locais pela situação. Conforme sua perspectiva, os culpados foram os

representantes das elites que, ao se unirem à Igreja e aos jesuítas, deixaram de educar a população, mantendo-a na ignorância.

O problema do elemento moral, apontado como terceira causa da vulnerabilidade latino-americana, seria uma conseqüência da segunda. Desta forma, a união com o catolicismo teria levado ao egoísmo, ao fim dos direitos individuais, ao apetite pelo poder, a práticas de fraudes no exercício do sufrágio e ao engodo político.

O inimigo, pois, invade a América devido às vulnerabilidades do continente, ou seja, seriam os próprios latino-americanos que chamariam o inimigo. Para superar esta situação, nosso autor conclama pelo rompimento com o catolicismo, tarefa que ele prevê como difícil e longa. Mesclando religiosidade com ação política, Bilbao via na aplicação da justiça, de forma sincera e convicta, a solução para os males de sua época. O processo iniciaria por ações individuais, passando por ações coletivas, políticas e sociais. A conquista da associação, através do rompimento com o catolicismo e a afirmação da razão seria a “segunda grande era da América”, mais gloriosa e fecunda que a da independência. Neste ponto, Bilbao dá continuidade a suas idéias do texto anterior no sentido de unir os latino-americanos em uma Confederação. Nosso autor continua insistindo na unidade do continente. Para ele, a verdadeira e almejada “nação” seria a América unida.

Ao longo deste texto, analisamos as representações de América em obras de dois destacados intelectuais utópicos latino-americanos do século XIX. Como vimos, ambos os autores construíram projetos fundamentados em utopias, pensando e lutando por sociedades radicalmente diferentes das que se afirmavam na época. Em tempos em que as desigualdades sociais dos projetos das elites liberais começavam a se impor, tanto Echeverría como Bilbao insistiam no igualitarismo, na associação e na justiça, que para eles, seria a plena concretização do republicanismo.

No bojo de suas propostas utópicas, percebemos particulares representações de América. Para ambos os intelectuais, a idéia de América continuava associada a aspectos políticos, principalmente ao republicanismo, à liberdade política e à igualdade social. Entretanto, enquanto o argentino manteve uma caracterização do continente com elementos essencialmente políticos, o chileno fez uso de aspectos culturais, tais como língua, religião, hábitos e costumes das populações. Echeverría preocupou-se com a construção das “sociabilidades políticas americanas” como forma de rompimento com remanescentes do colonialismo espanhol. Bilbao, por sua vez, oscilou entre uma idealização da América Latina na época de seu exílio, contrapondo os sul-americanos aos vizinhos do norte e uma análise crítica da sociedade de nosso subcontinente, quando estava radicado na Argentina. Em suas

críticas, denunciou o que ele percebeu como uma tentativa de conciliação entre catolicismo e republicanismo como o fator principal dos males da sociedade latino-americana. O chileno responsabilizou as elites dirigentes locais pela então situação, propondo o rompimento com o catolicismo e a plena aplicação do republicanismo como soluções para o problema.

Outra diferença importante entre os autores é que Echeverría associava americanismo com a questão nacional. Sua principal preocupação era a construção da nação argentina, processo que o autor apresentava de forma ambígua, já que os elementos constituintes da “nação” eram majoritariamente americanos. Bilbao, em contrapartida, manteve-se como um crítico da dispersão em diversos países, propondo a unidade latino-americana. A “verdadeira nação” seria a América unida.

As diferenças entre eles se devem a fatores diversos, entre os quais os diferentes contextos e trajetórias de vida. Exceto por um curto período na Europa durante a juventude, Echeverría viveu unicamente no Rio da Prata, seja em sua cidade de Buenos Aires ou no exílio em Montevideú. Assim, suas preocupações prioritárias com a construção da nação argentina são compreensíveis tendo-se em vista que ele uniu-se aos opositores do regime rosista, que o percebiam como remanescente do colonialismo espanhol, daí a necessidade da construção nacional para inserir o país no “americanismo”. Bilbao, por sua vez, teve uma vida bem mais cosmopolita, durante a qual vivenciou dois exílios na Europa e outros na América Latina, incluindo-se os últimos anos de sua vida quando se radicou na Argentina. Desta forma, o intelectual chileno teve contato com latino-americanos de diversos países, além de europeus, o que naturalmente contribuiu para sua perspectiva de pensar a América em sua unidade.

Além disto, as obras dos intelectuais em análise correspondem a períodos diferentes. Echeverría escreveu durante o regime rosista, em que as consolidações das independências ainda não estavam concluídas e as preocupações com os remanescentes do colonialismo eram ainda bastante recorrentes. Já as obras de Bilbao que analisamos foram publicadas em meados do século XIX, momento em que as elites liberais ascendiam ao poder dando início ao período da consolidação dos Estados nacionais e da inserção da América Latina no mundo industrializado. Desta forma, torna-se compreensível as críticas do intelectual chileno às elites dirigentes, sua contraposição aos regimes liberais excludentes e sua ferrenha proposta de união latino-americana. No contexto analisado, o regime que Bilbao tinha em mente para criticar era o que havia se implementado na província de Buenos Aires após a queda de Rosas. Nosso autor combatia o projeto elitista, dito “civilizador”, que mantinha a maioria da população excluída dos direitos políticos.

Seja contra Rosas ou contra as elites liberais, tanto Echeverría quanto Bilbao escreveram contra o poder, na oposição aos modelos de sociedade hegemônicos em suas épocas, propondo, em contrapartida, alternativas utópicas, imbuídas de um igualitarismo radical e crença na concretização de uma associação autenticamente republicana. A análise de suas obras é uma demonstração de que havia, em meados do século XIX, propostas e projetos alternativos para os países latino-americanos. Percebemos que setores das populações pensavam com otimismo na América, almejando uma sociedade mais justa, igualitária e plenamente republicana. Neste sentido, embora vencedores, os projetos das elites liberais, que impuseram uma visão pessimista e preconceituosa do subcontinente e de seus habitantes, estavam longe de terem sido os únicos.

Bibliografia:

BETHELL, Leslie. (org.). *História da América Latina*. Vol. 3: da Independência até 1870. São Paulo/Brasília: Edusp/Imprensa Oficial/ Funag, 2001.

BILBAO, Francisco. La América em peligro. In: *El evangelio americano*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1988, p. 187-271 [1862].

_____. El Congreso Normal Americano. In: *El evangelio americano*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1988, p. 273-289 [1856].

BOURDIEU, Pierre. *Intelectuales, política y poder*. Buenos Aires: EUDEBA, 2000.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Ciudades, provincias, Estados: orígenes de la Nación Argentina (1800-1846)*. Buenos Aires: Ariel, 1997.

DONOSO, Armando. *Bilbao y su tiempo*. Santiago do Chile: Zig-Zag, 1913.

_____. *El pensamiento vivo de Bilbao*. Santiago do Chile: Nacimiento, 1940.

ECHEVERRIA, Esteban. Código o Declaración de los Principios que Constituyen la Creencia Social de la República Argentina. In: *El Iniciador*, Montevideú, 1839, p. 65-85.

_____. *Obras completas*. Buenos Aires: Ediciones Antonio Zamora, 1951.

GOLDMAN, Noemí e SALVATORE, Ricardo (comp.). *Caudillismos rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: EUDEBA, 1998.

GOROSTEGUI DE TORRES, Haydée. *La organización nacional: historia argentina*, t. 4. 3. ed. Buenos Aires: Paidós, 2000.

GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

HALPERIN DONGHI, Tulio. *De la revolución de independencia a la confederación rosista: historia argentina*, t. 3. 4. ed. Buenos Aires: Paidós, 1993.

MYERS, Jorge. *Orden y virtud: el discurso republicano en el régimen rosista*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1995.

RAMA, Carlos M. *Utopismo socialista (1830-1893)*. 2. ed. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.

ROMERO, José Luis. *Las ideas políticas en Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1987 [1946].

SARMIENTO, Domingo F. *Facundo: civilização e barbárie*. Petrópolis: Vozes, 1997 [1845].

SASTRE, M; ALBERDI, J. B.; GUTIÉRREZ, J. M. e ECHEVERRÍA, E. *El salón literario*. Estudio preliminar de Félix Weinberg. Buenos Aires: Librería Hachette, 1958.

SCHEIDT, Eduardo. *Carbonários no Rio da Prata. Jornalistas italianos e a circulação de idéias na Região Platina (1827-1860)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

_____. *Concepções de República na Região Platina à época da Revolução Farroupilha*. Dissertação de mestrado. São Leopoldo: UNISINOS, 2000.

WASSERMAN, Fabio. *Formas de identidad política y representaciones de la nación en el discurso de la Generación de 1837*. Tese de licenciatura. Buenos Aires: UBA, 1996.

WEINBERG, Félix. *El Salón Literario*. Buenos Aires: Librería Hachette, 1958.